

Subtema 8.1.1. O pensamento iluminista

As Luzes

É na evolução intelectual da época moderna que radicam as novas ideias dos filósofos do século XVIII, responsáveis pela derrocada do Antigo Regime. Ao pugnam e acreditarem no progresso humano e na felicidade terrena, esses filósofos estão a concretizar as utopias do humanismo renascentista e a justificar o triunfo do pensamento europeu que de Galileu a Kant mostrara a importância da observação e da experimentação, da contestação da autoridade, da dúvida metódica, do racionalismo como fontes do conhecimento.

Neste contexto, os pensadores do século XVIII – o século das Luzes – são cépticos e críticos relativamente à tradição e advogam o direito e o dever da mente humana de utilizar os seus poderes de raciocínio para promover a felicidade dos homens, mediante a análise e transformação social e o conhecimento e explicação dos segredos do Universo. Assim, o pensamento iluminista fundamenta-se numa fé inquebrantável na Razão humana e no seu poder, assumindo uma visão optimista e progressista relativamente ao destino do Homem. De tal forma isto sucede que os pensadores iluministas consideram absurdos os privilégios e as distinções sociais, proclamando a liberdade e a igualdade dos indivíduos; contestam o absolutismo e a origem divina do poder; denunciam os monopólios e os entraves à livre circulação e condenam o fanatismo religioso.

O espírito e a filosofia das Luzes são fundamentalmente burgueses – a burguesia apartada da vida política dos estados em benefício de uma nobreza que não participava no desenvolvimento económico reage a este estado de coisas. Desta forma, os filósofos do século XVIII valorizam o indivíduo e invocam o seu direito inalienável (e natural) à igualdade, à liberdade e à felicidade. Foi, aliás, para assegurar os direitos naturais do Homem, preservar a moral natural e garantir a

felicidade que as sociedades se organizaram na base de um contrato, mediante o qual os homens uniram as suas forças contra os flagelos naturais e os seus inimigos.

Complementarmente, o valor da educação era fundamental para o progresso da Humanidade. Ela deveria ser dirigida no interesse do Estado, a quem forneceria cidadãos responsáveis e competentes. Advoga-se uma educação natural, sensualista, que começaria pela descrição dos factos, para se elevar, depois, intelectualmente, na procura das causas. Esta educação deveria ser acessível a todos.

Por outro lado, os filósofos das Luzes preocupam-se com a forma de governo mais adequada aos princípios da Razão e à salvaguarda dos direitos naturais do Homem. Outra questão complementar ao debate político era como tornar compatível o poder dos governos e a liberdade dos governados. Foi na Inglaterra que estas ideias foram, pela primeira vez, enunciadas e Locke defende que a legitimidade do Governo tinha origem no consenso dos governados, isto é, numa espécie de contrato entre os governantes e os governados. Na obra *O Contrato Social* (1762), J.-J. Rousseau reforça as ideias de Locke, quando situa no povo a fonte da soberania e faz do Governo o executor da "vontade geral". Através do "contrato social", cada associado alienar-se-ia totalmente à vontade da maioria da comunidade.

Outra ideia fundamental do iluminismo é a teoria da separação dos poderes formulada por Montesquieu, segundo a qual, em qualquer Estado, o poder se deverá dividir em: poder legislativo, que faz as leis; poder executivo, encarregado de as fazer cumprir, e poder judicial, que julga os casos de desrespeito às leis.

Finalmente, é na época das Luzes que a crítica à Igreja ganha novo fôlego, a descrença e o cepticismo se esboçam e os costumes se laicizam. Na sua maioria,

os pensadores do século XVIII eram deístas. Uma vez que a Razão lhes mostrava a necessidade de uma causa primeira, preconizavam uma religião natural, baseada na existência de um Ser Supremo, onnipotente e todo inteligente, pois a sua obra, o Universo, é um mecanismo admiravelmente ordenado. Erguendo a Razão contra o preconceito, as Luzes contra a superstição, todos os filósofos, deístas ou ateus, são profundamente anticlericais ao denunciarem o fanatismo religioso que consideravam inimigo da paz e da fraternidade. Em nome dos direitos do Homem, advogavam a tolerância e reclamavam a liberdade religiosa.

A imprensa periódica, os salões, os clubes, os cafés, as academias provinciais, as lojas maçónicas e, essencialmente, a *Enciclopédia* foram os principais veículos de difusão do pensamento das Luzes.

Adaptado de *O Tempo da História 11*, Porto Editora